VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais
Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004
A QUESTÃO SOCIAL NO NOVO MILÉNIO
ces
Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087 · 3001-401 Coimbra, Portugal
Telef +351 239 85 55 70 Fax + 351 239 85 55 89
email lusoafrobrasileiro@ces.uc.pt
url http://www.ces.uc.pt/LAB2004

"O TURISMO MOCHILEIRO"

OS CAMINHOS E AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

GISELE JUODINIS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

SÃO PAULO, AGOSTO DE 2004

introdução

Podendo programar uma viagem dentro de determinado território nacional ou uma viagem interligada entre países, um mochileiro não estabelece um destino muito fixo, se surgirem novas oportunidades num determinado momento na viagem, o mochileiro não se priva de aventurar-se. O foco principal numa viagem é a liberdade de escolha, a autonomia na hora da decisão. Em geral, o mochileiro se interessa pelo meio ambiente, pela cultura, pela sociedade e pela economia de qualquer parte do globo. Muitas vezes, o fato de trabalhar num local estrangeiro pode ser mais um aspecto que possibilite vivenciar um cotidiano não familiar e diferente ao do sujeito mochileiro. Enfim, por todas estas características em que uma grande parte dos mochileiros se configuram, há quem diga que existe uma cultura "Backpacker", já que seria quase uma filosofia de vida.

De uma forma ou outra, podemos entender que essa tendência de um turismo individual/independente que vem ganhando visibilidade atualmente (principalmente no Brasil), nos diz sobre as novas maneiras de organização social que se formam permanentemente no mundo. A análise do fenômeno do turismo é uma forma de entendermos a organização e o movimento da sociedade ocidentalizada.

O estudo sobre o turismo hoje pode ser um instrumento para a investigação dos aspectos significativos das sociedades, tanto das que enviam turistas, como das que os recebem, e dos diálogos que se estabelecem implicitamente entre essas sociedades. Os signos que interessam aos indivíduos em suas viagens possuem valor em si (uma questão histórica ou o estranho, o diferente, o exótico), onde se busca ler conceitos preestabelecidos.

Nos últimos anos, ocorreu uma crescente pluralidade de práticas de turismo e de lazer, e isto se deve em parte porque as pessoas se inserem em diferentes sociedades, grupos sociais e/ou um determinado período histórico. Então, como decorrência, existem turistas que exercem diferentes olhares sobre a experiência de viajar, dependendo do contexto em que vivem/provém.

Atualmente, tendo em vista que o turismo tem sido movido pela expectativa de prazer, existem diferentes formas de se atingir tal prazer no mundo. A indústria do turismo tem se estruturado rapidamente e o leque de opções turísticas e de lazer tem se multiplicado com o propósito de atingir variadas preferências, tendências ou grupos específicos.

O turismo tem se vinculado ao crescente desejo de mobilidade, essa característica que se impregnou na modernidade. Contudo, tal mobilidade não se refere somente às questões do mercado do turismo, mas também aos sentidos mais amplos do homem: social, cultural, temporal, física e de identidade. Em geral, as pessoas buscam no turismo a experiência de *estar* presente em um tempo ou lugar real (não virtual, não imaginário). Neste sentido, tenho visto o turismo do mochileiro como algo além desse “estar”, isto é, há uma vontade por parte desse viajante em *vivenciar* experiências culturais no mundo real.

Em parte, o mochileiro resgata um antigo sentido do lazer, ou seja, um tempo em que a sociedade pretendia que *“os homens trabalhassem pouco e*

utilizassem todo o seu tempo livre para entreter-se da forma mais nobre possível – desenvolvendo seu corpo e espírito". (Camargo, 2001:236-237)

Essa prática alternativa de turismo se dá pelo fato de o "estilo mochileiro" se colocar além do turismo padronizado. É necessário verificar a difusão de um olhar "romântico" no mundo do turismo, o qual se reflete hoje num desejo de isolamento das pessoas em suas maneiras de andar pelo mundo buscando novas experiências. Ainda é necessário verificar sobre o ponto de vista de nossa sociedade consumista, se existe um certo modo simplesmente hedonista na forma do turismo "estilo mochileiro".

modernidade líquida

Segundo Zygmunt Bauman nos descreve em *"Modernidade Líquida"*, hoje vivemos num tempo diferente de todos os outros pelos quais a humanidade já passou. O aprimoramento das técnicas que permitem a facilidade de comunicação e informação e também a facilidade de se percorrer distâncias cada vez maiores em menor tempo proporcionam o encurtamento das antigas noções de distâncias. Isso, somado à maneira atual em que continuamente a economia capitalista transforma quase tudo (valores, identidades, etc.) em efêmeros bens de consumo, nos traz um certo mal-estar identificável em todos os âmbitos do nosso cotidiano: econômico, político, ambiental e principalmente um estranho sentimento em relação à atual sociabilidade humana.

Como o próprio velho Karl Marx já havia detectado, estas são algumas conseqüências da ação do capitalismo, e ele mesmo dizia no *"Manifesto Comunista"*: "Todas as relações firmes, sólidas, com sua série de preconceitos e opiniões antigas e veneráveis foram varridas, todas as novas tornaram-se antiquadas antes que pudessem ossificar. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*..." (Marx e Engels, 1998:14) O que vemos hoje é a intensificação do que ele detectou no início desse processo.

Na modernidade mais recente até as relações sociais tradicionais – as relações de trabalho, de família, da religião, de colegas, de vizinhos, etc. – que até algum tempo atrás davam sentido, orientação e referência às ações das pessoas e as colocavam, ainda que dentro de uma hierarquia, frente à uma reciprocidade necessária e duradoura, já não têm mais a sua força ou *parece*

até mesmo não ter necessidade. Temos a *impressão* de que a vida em comum deixou de ser algo primordial na vida dos humanos. (Bauman, 2001:204) Os quadros de referência são voláteis, temporários, compráveis e vendíveis em uma velocidade em que tudo o que nos apegamos é transitório e temporário. Se escolhermos pessoalmente permanecer inalterados de alguma forma, em algum lugar, esse mesmo lugar se altera por si só. Enfim, como o próprio Bauman diz, hoje a brevidade do nosso corpo mortal nos parece uma eternidade perante a instantaneidade, a transitoriedade, a falta de laços permanentes e a volatividade à nossa volta. (Idem:209)

Importante ainda notar aqui que, como diz Eric Hobsbawm em *"A Era dos Extremos"* ao abordar a revolução cultural no século XX através das mudanças no interior da família e da casa, todas "essas tendências, claro, não afetaram igualmente todas as partes do mundo". De qualquer forma, "Essas variações não causam surpresa. O que é muito mais interessante é que, grandes ou pequenas, as mesmas transformações podem ser identificadas por todo o globo 'modernizante'". É justamente assim que vemos as conseqüências desse amplo processo atuando numa parcela do campo da cultura e da sociabilidade brasileira, como tem ocorrido nos mais diversos lugares do mundo. (Hobsbawm, 1998)

a memória nos devaneios de um viajante andarilho

Posso identificar nos dias atuais que uma certa tendência ao nomadismo ocorre num determinado grupo de pessoas da nossa sociedade contemporânea (de estrato socioeconômico médio, não por acaso) que percebeu na mobilidade e fluidez da sociabilidade moderna um certo vazio. As pessoas vivem cotidianamente nessa fluidez e, consequentemente, sentem a falta de conteúdo dessas relações sociais. Com a sensação de que as pessoas estão diluídas na multidão de indivíduos, há quem busque preencher o vazio pessoal em diferentes estratégias.

Assim, aponto o viajante andarilho como um indivíduo em meio às configurações dessa sociedade moderna e líquida, ou mesmo em meio a esse tempo de "aceleração da história" de que nos fala Pierre Nora: o "mutismo dos costumes" e, portanto, um momento de distanciamento e rupturas com aquela

vida “no calor da tradição”, um “sentimento de uma memória esfacelada”. (Nora, 1993:07-08)

Talvez o viajante andarilho faça um devaneio inconscientemente pelas imagens, “reais ou imaginárias”. (Halbwachs, 1990:69) Talvez o passeio do viajante andarilho seja uma forma inconsciente, ou mesmo até uma forma ingênua, de se percorrer pelos *quadros de memória coletiva*, através das lembranças contidas no espírito desse mesmo viajante. Isso porque, seguindo a idéia de Maurice Halbwachs, no jogo das imaginações e percepções, nós costumamos nos fixar aos quadros que, de alguma forma, nos parecem semelhantes aos quadros que já tínhamos em nossa memória.

Na realidade, o viajante andarilho passeia sozinho somente na aparência, pois, como Halbwachs mesmo exemplifica, por onde o viajante passa sua atenção se dirige para os aspectos que um amigo pintor ou um amigo historiador ou outro homem de negócios, um romancista ou arquiteto lhe haviam assinalado em algum outro momento da vida desse viajante. Então, em nossos “devaneios“ nós dirigimos sim o nosso olhar, orientados por um plano de nosso pensamento; e um plano que nos remete à nossa condição de indivíduos em contato social. O nosso “eu” depende da “comunidade afetiva” da qual fazemos parte.

Justamente neste ponto também poderíamos nos remeter à obra de Pierre Bourdieu em “*La Distinción – Criterios y beses sociales del gusto*“. (Bourdieu, 1988) Sua idéia de *habitus* se associa a esta idéia de *comunidade afetiva* de Halbwachs. Falarei sobre esse autor mais adiante.

a crise e, talvez, um mito

A consciência dos indivíduos não está fechada em si mesma, uma vez que ela segue as direções do movimento cotidiano. A lembrança coletiva então tem o seu papel de proporcionar referência nos períodos de tensão ou de crise das “estruturas” sociais. E aqui, muitas vezes, essa lembrança coletiva torna-se *“mito”*. (Jean Duvignaud no prefacio de Halbwachs, 1990:14)

Percorrendo sites da Internet dirigidos àquele público viajante andarilho percebo então talvez um mito. No *site “Mochila Brasil”*,[1] por exemplo, aponta-se o estilo e as idéias dos romances de Jack Kerouac como precursores do

[1] http://www.mochilabrasil.com.br (aosto/2004)

espírito de liberdade que se sucedeu nos anos 60, após aquela sua geração "beatnick".[2] Hoje, a referência à um dos títulos de Kerouac, "On The Road", traduzido pela expressão em português "pé na estrada", reflete uma busca de explicação "âncora", ou mesmo um sentido, para a prática desse estilo de viagem caminhante.

O resgate dos romances de Jack Kerouac torna-se um mito a partir do fato de que ninguém que o lê nos dias de hoje realmente vivenciou as experiências de um viajante dos dias dele. Portanto as histórias de Kerouac não podem ser tomadas como memória vivida, já que nenhum viajante andarilho de hoje viveu naquele tempo ou poderia ter lembranças daquela época. Contudo, há um fio condutor que, através das gerações, trouxe o espírito daquele tempo, e que agora aqui tem se transformado a partir dos contextos da sociedade atual. Isto é, como Halbwachs mesmo nos aponta, existe uma certa permanência através do tempo de um certo "modo de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos". (Halbwachs, 1990:68)

Assim, temos em nossa sociedade vários aspectos daquele espírito da época de Kerouac, porém seu modelo foi transformado pelas características das gerações que o sucederam. Talvez o estilo de viagem continue o mesmo, mas impregnou-se nele os novos valores dessa dinâmica que leva a sociedade se transformar no tempo pelas novas experiências.

Ao tomarmos o contexto dos anos 1960, por exemplo, notaremos aquela rebeldia contra a moral da época, uma rebeldia historicamente contextualizada em uma luta política, um envolvimento com ideais ou simplesmente sonhos que, utópicos ou não, conferiam às atitudes um certo foco, uma direção pelo menos parcialmente consciente. Luisa Passerini caracteriza o jovem desta época como um "rebelde à ordem existente e portador do futuro". (Passerini, 1997:319) Hoje, a rebeldia (se ainda pudermos chamar assim) é contra o sistema, não objetivamente político, mas sobretudo contra o cotidiano na nossa sociedade capitalista. Talvez fosse mais correto dizer que vivemos num mundo desiludido com o encantamento e a felicidade que a sociedade de consumo promete, com o dinheiro e a riqueza, com o marketing e suas estratégias e fantasias intensas e ofuscantes.

[2] O termo é a fusão de beat (batida do ritmo de jazz) e Sputnik (nave soviética lançada ao espaço nos anos 50).

Nota-se bem que estamos em um momento realmente distinto em que os movimentos das sociedades ocidentalizadas têm apontado para o ressurgimento daquilo que a Ciência não acreditou, não acredita e sempre procurou caminhar em sua oposição: temos ouvido falar cada vez mais no reencantamento do mundo, da volta à crença no poder mágico, à religião, volta "às origens", etc. De qualquer forma, o embate contra as concepções iluministas não é tão recente assim, contudo uma intensificação e pluralização desse tipo de manifestação têm sido notadas no nosso cotidiano. Em uma entrevista para o jornal Folha de S.P., De Gary Lachman, o autor de "Turn Off Your Mind", livro sobre a busca do ocultismo e da magia nos anos sessenta, diz que hoje o interesse pelo ocultismo é apenas mais uma possibilidade em meio a tantos outros estilos de vida alternativos, "enquanto nos anos 60 era um dos poucos".[3]

Hoje, podemos ver que o antigo sentido de liberdade apregoado nos dias de Kerouac (contra a moral vigente de sua época) pode já não ser mais o mesmo que é sentido ou reivindicado pela geração de agora, mas de qualquer forma, busca-se no espírito daquele estilo uma "reconstrução" das significações das práticas cotidianas, a partir de uma *memória histórica*.

Portanto, na modernidade líquida, onde a fluidez das relações sociais parece ruir com os vínculos e laços duradouros, vemos os grupos sociais sim, porém sua memória viva muitas vezes debilitada pelas rupturas. Seus quadros de memória coletiva por vezes se apoiam na memória histórica e aí talvez esteja o mito que, pelo uso da imaginação, são reformulados os sentidos da vida cotidiana. Esse mito não traduz uma memória viva, um tempo de reversibilidade, onde o presente contém o passado, porém traduz um tempo apenas recorrente. Há apenas aquele traço sutil que perpassa pelas gerações e que temos guardado então nas impressões de nossas lembranças: expressões, aspectos, pensamentos, sentimentos, etc. presentes nos costumes da sociedade de agora. (Halbwachs, 1990:66;68)

Assim, com uma ou outra indicação, reconstruímos *imagens* sobre linhas já demarcadas das nossas lembranças ou das lembranças de outros, e as completamos em nosso espírito. Enriquecemos nossa memória quando

[3] Folha de S.P. 13 de julho de 2004.

religamos, por um certo pressentimento (não casual), as significações cotidianas em nosso grupo social.

o indivíduo

Em tudo isso, percebemos então um certo descompasso da memória coletiva na sociedade moderna. Aqui, não vemos o passado nitidamente na memória realmente viva em determinados espaços do cotidiano, isto é, certos aspectos do passado da nossa vida coletiva não estão constantemente e oralmente presentes ao nosso dia-a-dia. Contudo os rastros desse passado estão lá e, quando nos apercebemos, muitas vezes somos induzidos a resgatar uma memória neste ou naquele rastro deixado pelos antigos, utilizando-nos de uma percepção sensorial.

Pierre Nora dizia que “sabíamos, antigamente de quem éramos filhos e hoje somos filhos de ninguém e de todo mundo”. (Nora, 1993:19) Nosso olhar para o passado hoje tem um aspecto de “alucinação artificial”, uma vez que não o penetramos mais com aquela significação para o presente. Isso se deve também ao fato de que, a partir dos anos de 1950 o relacionamento entre as gerações que, antigamente era o principal meio de passagem das heranças culturais, acabou sendo deixada de lado devido às novas formas de organização do trabalho na sociedade atual, transformando as formas sociabilidade; a interação entre pares se tornou mais significativa que aquela outra. (Passerini, 1997:354-355; Hobsbawm, 1998:322) Talvez essa seja mais uma das causas das descontinuidades modernas: o abismo entre as gerações.

Vivemos num momento em que a história nos conduz a efeitos de “revelações”: no nosso cotidiano somos levados à adequação da história e da memória. Para Nora, nossa história é “vestígio e trilha”. (Nora, 1993:08) E ainda: a “memória nos vem do exterior e nós a interiorizamos como uma obrigação individual, pois que ela não é mais uma prática social”. (Idem:17) A identidade social de cada indivíduo se transportou da memória coletiva para uma “psicologia individualizada” a partir da história.

O viajante andarilho talvez esteja à procura das continuidades perdidas no mundo moderno, buscando aqui e ali uma “identificação carnal do ato e do sentido”. (Idem:08-09)Há uma busca e curiosidade pelos “lugares de memória” e que agora são apenas “restos”, espaços ignorados. (Idem:12-13) Na

sociedade moderna ainda há sim, como Halbwachs dizia, tantas memórias quantos grupos existem, mas por vezes, alguns espaços sociais apontam vácuos ou lacunas. Há uma carência dos *meios* de memória, há uma carência de sentidos...

identidade descentrada

Por outro lado, as conseqüências da Modernidade proporcionaram a ampliação do espaço, apesar de seus abismos entre uma parte e outra ou do vazio das "entrelinhas". As distâncias espaciais ou as fronteiras não parecem mais incomodar. Por isso o livre trânsito entre as brechas à procura daqueles antigos sentidos, das identificações, dos vestígios, históricos ou não, que freqüentemente são possibilidade de "revelações" pessoais.

Bauman, em *"Globalização: As conseqüências humanas"* (1999), nos lembra Pascal e a idéia de que não existe mais um centro único, ele pode estar em toda parte. Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2004), aponta que "as identidades modernas estão sendo 'descentradas', isto é, deslocadas ou fragmentadas". O sujeito antigamente poderia ter uma identidade unificada e estável, porém hoje ela tem tendido à fragmentação e, conseqüentemente está se tornando composta em várias identidades. O processo e os próprios meios de identificação se tornaram mais provisórios, diversificado e também problemático. Hall diz ainda da identidade como "uma 'celebração móvel' formada e transformada continuamente". O sujeito do mundo atual assume diferentes identidades dependendo de cada diferente momento. (Hall, 2004:08; 12-13)

O próprio caráter da mudança tem sido apontado como característica da modernidade, muito mais agora que todos os componentes do seu formato já delineado anteriormente estão cada vez mais sendo intensificados. Por isso vemos nas descontinuidades da vida moderna a falta de vínculos e compromissos duradouros.

'estilo de vida'

Com a intenção de fazer um parênteses neste texto, gostaria de abordar rapidamente uma questão que tem sido importante nos estudos sobre a modernidade tardia: a noção de "estilos de vida", ou talvez até a própria idéia

de “tribos urbanas” desenvolvida por Michel Maffesoli. Tal questão tem se refletido no objeto da minha preocupação de estudo, mas que tenho visto por um outro ângulo. Quero dizer que tenho visto mais a importância da volatilidade e fluidez como forma de identidade nos sujeitos que tenho tido contato, os mochileiros, do que aquela noção de “tribo”, a qual penso se voltar mais adequadamente à população adolescente do mundo moderno.

Como já comentei rapidamente em item anterior deste texto, não é por acaso que podemos notar uma boa parte dos viajantes mochileiros justamente num estrato socioeconômico médio ou, se quisermos, na pequena burguesia. Em minha pesquisa pelos *sites* voltados a este seguimento, agora mais amplamente explorado pelo mercado do turismo, tenho encontrado estudantes universitários e profissionais liberais como grande maioria. Lembramos, portanto, neste trabalho também as idéias de *habitus*, distinção de gostos e estilos de vida desenvolvida por Pierre Bourdieu em “La Distincion”. (Bourdieu, 1988)

Para esse autor, as preferências por determinados bens culturais indicam os delimitadores das classes sociais e suas relações e oposições entre si e, assim, analisadas a partir do mapa ocupacional das classes da população. Tendo ainda a base de seu estudo na estrutura da composição econômica e cultural de cada grupo. Daqui, então, forma-se o *habitus* notavelmente impresso em cada sujeito de cada classe social e que se expressa sutilmente e, por vezes, inconscientemente no cotidiano das decisões, atitudes, escolhas, gostos, ações das pessoas.

Dentro desta lógica percebemos um jogo de constante troca entre o capital cultural e o capital econômico, permitindo a convertibilidade de um capital em outro, ou mesmo em poder social (ou prestígio). E aqui, quanto maior a autonomia e intensidade e a singularidade de um campo cultural, maior prestígio obtém os componentes do grupo que o domina. Por isso o também sutil cuidado contra a popularização dos estilos “legítimos” (ou da alta-cultura) que procura preservar o prestígio de poucos. (Fetherstone, 1995)

Não vejo, portanto, o viajante andarilho como alguém que procura sua identidade num determinado grupo, que reivindique mais explicitamente seu “minuto de fama”, profetizado por Andy Warol, porém como aquele que percebeu naturalmente, até mesmo pela força de expressão de seu

determinado *habitus*, na própria maneira fluída da identidade na modernidade uma moeda negociável nesse jogo dos capitais colocado por Bourdieu.

Percebo que, mesmo que o viajante andarilho acabe formando uma comunidade (mesmo porque tem ocorrido isso com os "fóruns" de diálogos pela Internet, ou até no formato mais tradicional que é o que sempre ocorreu com associações para prática de esportes na natureza, o caso do Centro Excursionista Universitário na USP que visitei algumas vezes), essa comunidade não se torna a base da identidade desse sujeito. A troca de informações e principalmente a "troca de *idéias*" na nossa vida na modernidade tardia tem sido a principal preocupação dessas pessoas. Isso porque, bem à maneira do que tenho visto nos Fóruns abertos que têm ocorrido do Brasil, tenho que esta é a atual moda moderna.

sobre o consumismo

Tudo o que se refere às estratégias de consumo e distinção na sociedade moderna atual não é novidade nenhuma desde a instauração da burguesia com seu papel importante que ainda o é hoje. Porém, talvez o que esteja acontecendo mesmo hoje é uma mudança no estilo ou no foco do consumismo moderno. Temos visto no campo do turismo das classes médias o aumento da preocupação com um certo consumismo cultural. Isto é, não me refiro àquele antigo estilo excursionista descrito, por exemplo, por Jonh Urry, em *"O Olhar do Turista"*, ou em *"História dos Tempos Livres"*, de Alain Corbin, voltado à educação ou delimitado pela organização do tempo do trabalho naquele primeiro momento da Modernidade, mas sim aponto um movimento do momento atual em que se buscam novas experiências de vida, um "estilo de vida" distinto e alternativo.

Com Hobsbawm, em *"A Era dos Extremos"*, vemos que o estilo do consumo que surgiu no período dos anos de 1960 foi inspirado sim numa certa atmosfera de romantismo, de nostalgia, de interesse pelo exótico ou pelo que até então era desprezado (como a cultura popular). Contudo foi naquela década que explodiu sobretudo o consumismo de uma maneira fortemente voltada ao aspecto material, isto é, os mais simples objetos de uso cotidiano passaram a ser impregnados de signos (como o uso do *jeans*), e a direção do mercado era seguida de uma forma até mais passiva pela população em geral

que seguiam a moda imposta pela pressão dos grupos e seus pares. (Hobsbawm, 1998:321; 323; 325) Já o consumismo atual tem se voltado atualmente à preocupação da "ação consciente" e atmosfera romântica ou de nostalgia herdada daquela época tem obtido ampla aceitação; principalmente nas camadas de estrato médio.

Durante essa pesquisa sobre os viajantes mochileiros, tenho encontrado tanto viajantes sem destino predeterminado, mas que prezam pela cultura das populações locais visitadas, como aqueles que preferem caminhadas solitárias, trilhas por lugares ainda inexplorados. O que vejo em comum nestas pessoas é a atração pelo diferente, pelo que está fora do cotidiano. Todas elas escolheram um determinado estilo de vida pela qual querem ser seduzidas. Ou seja, são consumidoras sim, porém dentro de um certo quadro, cujas linhas são a determinação do gosto e da distinção de sua classe social.

Vejo em ambos os seguimentos um certo "consumismo cultural". Em geral, a lógica dos viajantes que seguem para lugares urbanos (digo, os sujeitos que buscam um certo contato humano) vai de encontro com a moda da busca da "paz mundial" entre os povos e também um determinado enriquecimento cultural pessoal no que diz respeito a conhecimentos de forma mais ampla. Aqui se nota ainda que não podemos confundir esse tipo de conhecimento com aquele antigo adquirido nas viagens estudantis de exploração, porém entendo que a *experiência* da viagem (o contato com a diversidade, a questão do tempo de solidão, a desenvoltura nas soluções dos problemas imprevistos, a questão independência, a situação de enfrentamento dos desafios corriqueiros, a aventura em si, etc.) é tomada como um valor em si. Exatamente como as coisas e os objetos tinham signos impregnados numa época anterior, hoje é a experiência de um *estilo de vida* determinado que tem um valor na sociedade da "Alta Modernidade".

Do mesmo modo ocorre com os andarilhos que preferem o contato com a natureza. Quando pergunto qual o objetivo ou finalidade das caminhadas, vejo que não há tanto a preocupação com os aspectos da estética e do bem-estar do corpo tão em moda hoje em dia, mas é o próprio caminhar a motivação das aventuras e das energias gastas. Um rapaz me disse, numa certa reflexão pessoal, que "o homem moderno sente prazer em voltar às suas origens, ter contato direto com a natureza novamente, ter tempo de olhar tudo

aquilo que o tempo e a arquitetura da cidade não lhe permite, e ter a condição de ‘um tempo para si mesmo’".

Ainda pensando neste tipo de gosto pela definido, volto a lembrar de uma pergunta anterior a um outro aventureiro: “Será essa tendência uma busca pela liberdade que a sociedade da Modernidade atual nos nega, da mesma forma que a Modernidade sólida negava a liberdade moral da sociedade anterior?” Mas a resposta foi bem precisa: “Eu diria que é mais que liberdade. Eu diria que é conhecimento”. Ora, conhecimento de quê? Mais uma vez, é a *experiência de vida*, experiência da reflexão interior, experiência de algo que não é comum hoje à sociedade das massas, experiência, portanto, que tem um valor prestigiado. E tudo isso acaba por seduzir inconscientemente este ou aquele indivíduo dessa sociedade consumista da pós-modernidade.

Sim, como diz Bauman em *“Globalização”*, a liberdade de escolha é a poesia do turista, já que tal situação é justamente o melhor que uma vida hedonista pós-moderna pode oferecer. (Bauman, 1999:100-103) Contudo, a moeda que tem um valor importantíssimo em nossa sociedade de troca tem sido atualmente as *experiências* e os *estilos* de vida distintos que são assimilados por sujeitos de predisposição terminada pelo *habitus*. E essas experiências são consumidas exatamente como qualquer outro bem, uma vez que são fonte de emoção e resultado de uma percepção estética.

Enfim, a sociedade atual não tem um projeto definido, nem um sonho. Ninguém é, ultimamente, “portador do futuro”. Parece que vivemos num presente perpétuo, mas que procuramos preencher com aquilo que ocupa espaço em nossa vida. Os estilos, ao se tornarem projetos de vida, realmente têm “feito volume” na vida da sociedade moderna, mas será que tem contribuído com algum sentido de vida?

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Paula. *Turismo Internacional de Jovens* – in Revista Crítica de Ciências Sociais, no. 43, Coimbra, out/1995.
- ANDRADE, José Vicente de. *Turismo: fundamentos e dimensões*. ed. Ática, São Paulo, 1992.
- ARAUJO, Margarete Panerai. *A Interdisciplinaridade da Antropologia*. in ASHTON, Mary Sandra Guerra (org.). "Turismo: Sinais de Cultura". ed. Feevale, Novo Hamburgo, 2001.
- ASHTON, Mary Sandra Guerra (org). *Turismo: Sinais de Cultura*. ed. Feevale, Novo Hamburgo, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida.* ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *Globalização: As conseqüências humanas*. ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
- BOSI, Alfredo. *O Tempo e os Tempos.* in NOVAES, Adauto (org.). "Tempo e História". ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinción – Criterios y beses sociales del gusto*. ed. Taurus, Madrid, 1988.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Sociologia do lazer*. In ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. "Turismo. Como aprender, como ensinar", ed. SENAC, São Paulo, 2001.
- CARDOSO, Athos Eichler. *O que é aventura*. ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. ed. Vozes, Petrópolis, 1994.
- CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres: O advento do lazer* – ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. ed. Studio Nobel, São Paulo, 1995.
- FORTUNA, C. *Sociologia e práticas de lazer* in "Revista Crítica de Ciências Sociais", nº 43. Coimbra, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva.* Vértice, ed. Revistas dos Tribunais, São Paulo, 1990.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. ed. DP & A, Rio de Janeiro, 2004.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. ed. Loyola, São Paulo, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. ed. Cia. das Letras, São Paulo, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo. Vagabundagens Pós-Modernas*. ed. Record, Rio de Janeiro, 2001.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. ed. Paz e Terra, São Paulo, 1998.

- MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no Século XX*. ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1994.
- MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revista: a segmentação da cultura no século XX*. ed. Olho D'Água/FAPESP, São Paulo, 2003.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares.* Projeto História 10, EDUC, São Paulo, 1993.
- ORTIZ, Renato. *O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade-Mundo* – ed. Brasiliense, São Paulo, 2000.
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. *Sociologia do Turismo*. ed. Papirus, Campinas, 1995.
- PASSERINI, Luisa. *A Juventude, Metáfora da Mudança Social. Dois Debates Sobre os Jovens: A Itália Fascista e os Estados Unidos da Década de 1950*. in "A História dos Jovens". ed. Cia das Letras, 1997.
- PORTER, Roy. *Os Ingleses e o Laser* in CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres: O advento do lazer* – ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- RAUCH, André. *As Férias e a Natureza Revisitada (1830-1839)* in CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres: O advento do lazer* – ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- SIMMEL, Georg. *O Estrangeiro* in MORAES F.º, Evaristo de (org.). "Georg Simmel". ed. Ática, São Paulo, 1983.
- THIESSE, Anne-Marie. *Organização dos Lazeres dos Trabalhadores e Tempos Roubados (1880-1930)* in CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres: O advento do lazer* – ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A Vida em Comum. Ensaio de Antropologia Geral.* – ed. Papirus, Campinas, 1996.
- TRIGO, Luiz G. G. *Turismo e Civilização*. ed. Contexto, São Paulo, 2001.
- _____. *Turismo Básico*. Ed. SENAC, São Paulo, 2000.
- URRY, John. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. ed. Estúdio Nobel – SESC, 3ª ed., São Paulo, 2001.

ARTIGOS EM JORNAIS

- Folha de S.P. *Fórum Cultural Mundial – Brasil e Jordânia disputam segunda edição*. 05 de julho de 2004.
- Folha de S.P. *O Lado Obscuro da Força*. 13 de julho de 2004.

SITES DA INTERNET

- http://www.mochilabrasil.com.br (agosto de 2004)
- http://www.voudemochila.com.br (agosto de 2004)